

# Vida e obra de José de Anchieta

EDUARDO DE ALMEIDA NAVARRO

Anchieta foi, no dizer de Sílvio Romero, o mais antigo vulto de nossa história intelectual. Na pobreza material e espiritual do Brasil dos primeiros tempos, ele tornou-se, em muitos aspectos, um pioneiro: o primeiro poeta, o primeiro teatrólogo, o primeiro gramático, o primeiro humanista do Brasil.

Anchieta nasceu em 1534, em San Cristobal de La Laguna, uma cidade situada na ilha de Tenerife, que faz parte das Ilhas Canárias, localizadas bem perto das costas da África, na altura de Marrocos. Essas ilhas haviam sido dominadas pela Espanha no final do século XV. Seu pai estava na Ilha de Tenerife havia pouco tempo. Ele tinha vindo dos países bascos da Espanha e tinha parentesco com a família de Inácio de Loyola, o fundador da maior ordem religiosa e maior organização educacional do mundo, a Companhia de Jesus, criada em 1540.

Os países bascos e outras regiões da Espanha revoltaram-se em 1519 contra o rei Carlos V da Espanha e o pai de José de Anchieta, Juan de Anchieta, participou das revoltas contra o rei. Sufocado o movimento, ele teve de sair da Espanha para não sofrer perseguições do governo e foi para as Ilhas Canárias em 1522 para recomeçar sua vida. Em 1531 casou-se com dona Mencia de Clavijo y Llarena, que era descendente dos conquistadores das ilhas. Dona Mencia era uma viúva que já tinha dois filhos de seu primeiro casamento.

O menino José, desde cedo, teve contato com a língua basca falada por seu pai e também com a língua guanche, falada pelos primitivos habitantes da ilha de Tenerife. Os guanches ainda estavam na ilha e viviam como empregados ou escravos. O próprio nome Anchieta é basco e significa *laguna*, naquela língua. É curioso observar que José de Anchieta nunca afirmou ser espanhol ou brasileiro, mas sempre disse ser basco, o que nos leva a acreditar que ele falava essa língua.

Seu pai havia prosperado bastante desde que chegara a Tenerife. Assim, o menino José foi educado, talvez, desde a mais tenra infância, com os frades dominicanos. Foi logo cedo iniciado na língua latina, que começou a estudar com sete anos de idade.

Com quatorze anos, o menino José foi mandado a Portugal por seu pai para estudar, juntamente com seu meio irmão Pedro Nunez, filho do primeiro casamento

de sua mãe. Ora, as Ilhas Canárias não pertenciam a Portugal, e sim à Espanha. A língua natal de José era o castelhano e não o português. Por que, então, foi estudar em Portugal e não na Espanha, como seria natural? Segundo Costa Ramalho, antigo catedrático da Universidade de Coimbra, é porque lá estava o Prof. Martin de Azpilcueta Navarro, um importante teólogo, um basco como o pai de José de Anchieta, certamente um amigo de sua família ou, talvez, seu parente distante.

Quando Anchieta chegou a Portugal, em 1548, a cidade estava assistindo à criação do seu mais nobre colégio, onde se formariam bacharéis em grego, latim e hebraico, as línguas mais valorizadas no Renascimento, línguas que os homens cultos da época buscavam ansiosamente saber para penetrar nos textos da Bíblia e da Antiguidade pagã e cristã. Esse colégio chamava-se "*Colégio das Artes*" e era o orgulho do rei D. João III, que trouxe quase todos os seus professores da França, a peso de ouro. Dentro de tal colégio não se podia falar outra língua que não o latim. Nele os jovens ficavam em regime de internato, convivendo com seus mestres e recebendo a mais fina cultura renascentista, principalmente filológica e literária.

Anchieta receberia, assim, a mais pura educação do Renascimento. Seu professor de latim, o famoso humanista português Diogo de Teive, elogiaria José como seu melhor aluno. Tanta era sua habilidade no verso latino que ele foi chamado "*o canarinho de Coimbra*", em referência ao pássaro que melhor canta e que é originário de sua terra natal.

Havia algum tempo, porém, que a Inquisição desconfiava dos professores do Colégio das Artes, suspeitando que alguns deles tivessem simpatia pelo Luteranismo. Com efeito, em 1550, quando José ainda estudava ali, alguns de seus professores foram presos e processados. O professor George Buchanan, escocês, foi expulso de Portugal e ridicularizou o rei D. João III em seus versos.

Apesar do duro regime do Colégio, havia nele muita libertinagem e licenciosidade, bem próprias dos novos tempos renascentistas. O jovem Anchieta volta-se para sua fé, à crença recebida de seus pais. Seria o início de sua vida religiosa e consagrada. Assim, já com sólida bagagem cultural, o jovem José pede ingresso em 1551 na Companhia de Jesus, que havia sido fundada onze anos antes. Tornou-se a maior de todas, formando seus membros com uma sólida bagagem intelectual. Ser jesuíta passou, com o tempo, a significar ser professor ou ser um homem de vasta cultura. Eles seriam os homens mais cultos, os maiores humanistas e educadores de toda a Idade Moderna. Essa ordem religiosa é que ajudaria a salvar a Igreja da profunda crise em que estava mergulhada desde o final da Idade Média.

Eles seriam os donos dos melhores colégios e universidades da Europa, os mestres da aristocracia, confessores de reis, mas, também, evangelizadores dos pobres e dos povos dos novos continentes descobertos.

Anchieta ingressava, assim, numa instituição que acabava de ser fundada, mas que crescia assombrosamente de ano a ano e que, em breve, contaria milhares de membros em todo o mundo. Já falava perfeitamente o português, como se fosse sua língua materna, e já lera as peças teatrais de Gil Vicente, que tão populares eram em Portugal. Uma vez na Companhia de Jesus, faria os dois anos preparatórios (o noviciado), após os quais professaria seus primeiros votos.

Mas logo se manifestaria uma misteriosa doença que afetaria Anchieta por toda a vida, provavelmente a tuberculose ósteo-articular, que lhe curvou as costas, deformando o jovem jesuíta. Teve de interromper os estudos de Filosofia que então realizava por causa de seu mal físico, que lhe produzia muitas dores. Ele temia, assim, não poder continuar na Companhia de Jesus, que não aceitava candidatos sem boa saúde para os trabalhos de apostolado. Nesse momento é que o jovem José se oferece para vir ao Brasil, para aproveitar o bom clima do país em sua recuperação e poder trabalhar na nova terra que diziam ser tão saudável. Ele fez, assim, em 1553, os primeiros votos como jesuíta, no final de seu noviciado. Estava incorporado a sua ordem religiosa de forma mais ou menos definitiva.

Ainda em 1553 embarca na esquadra de Duarte da Costa, segundo governador-geral do Brasil, e chega a nosso país com 19 anos de idade, não como padre, ainda, mas como simples irmão. Nunca mais veria sua família, mas há notícias de algumas cartas que trocou com uma irmã sua de Tenerife, que era paralítica.

Não teria mais, por outro lado, os grandes mestres que tivera em sua adolescência e seus estudos posteriores seriam feitos em meio às grandes atividades que o trabalho missionário exigia. Anchieta já era, contudo, com 19 anos, um perfeito humanista, com grande conhecimento do latim e do grego clássicos.

Chegando a Salvador da Bahia, em julho de 1553, juntamente com outros jesuítas, ele vai, depois de alguns meses, para a capitania de São Vicente, no atual estado de São Paulo, onde estava a primeira vila fundada no Brasil e onde os jesuítas já possuíam um colégio. Os jesuítas, com efeito, já estavam no Brasil havia quatro anos e, como os trabalhos de catequese eram muito intensos, continuamente solicitavam a Portugal o envio de mais missionários. Assim, Anchieta veio para auxiliar o padre Leonardo Nunes, um missionário dinâmico e incansável que, por

se deslocar rapidamente de um lugar para outro em pregação, foi chamado pelos índios de São Vicente de *Abaré Bebé*, isto é, *Padre Voador*. Estavam os novos missionários em São Vicente na véspera de Natal de 1553.

Em janeiro de 1554, os jesuítas fundam um novo colégio, dessa vez no planalto de Piratininga. Constroem um barracão de madeira perto das aldeias de índios amigos, que eram Tibiriçá, Caiobi e Tamandiba. Reza-se uma missa no dia 25 de janeiro, dia da conversão do apóstolo São Paulo. Assim, Piratininga passou a se chamar *São Paulo de Piratininga*. Perto dali, também no planalto, havia uma outra povoação, fundada por um português de nome João Ramalho, que se casara com Bartira, a filha do cacique Tibiriçá, amigo dos portugueses.

Anchieta permaneceria em São Paulo de Piratininga, nos primeiros anos de sua vida no Brasil, como professor de latim dos irmãos jesuítas que viviam ali. Assim, com dezenove anos de idade, ele era o primeiro professor de São Paulo.

A pobreza dos primeiros tempos era total. Faltava tudo, desde cobertores para enfrentar o frio até livros para os alunos do jovem professor. Um único barracão servia de dormitório, cozinha, escola e capela. O jovem José passava muitas noites acordado, copiando as lições para seus alunos, que não dispunham de livros ou manuais. A alimentação era a mais pobre e simples possível: raízes e até mesmo as formigas içás eram alimento procurado.

Assim, em redor do colégio dos padres, foi crescendo a nova povoação, com casas feitas de barro amassado e cobertas de sapé. As primeiras casas de telha só apareceram muito depois.

Anchieta dizia sempre que viera para o Brasil por causa dos índios e a eles deveria devotar-se em primeiro lugar. Em poucos meses já sabia a língua tupi, que era falada em toda a costa brasileira, com algumas variantes dialetais. Por seu conhecimento da língua indígena, passou a ajudar o padre Nóbrega a ouvir as confissões dos índios, uma vez que este último não falava tupi e nunca a aprenderia bem. O primeiro bispo do Brasil, D. Pero Fernandes Sardinha, atacaria muito os jesuítas por ouvirem confissões por meio de intérpretes, procedimento que ele julgava irregular.

Com uma inteligência privilegiada, o jovem José em poucos meses já tinha aprendido as regras da língua tupi e, em 1555, já havia esboçado a sua gramática, que foi levada à Bahia para ser usada como texto básico para o ensino de novos jesuítas que vinham ao Brasil. Esta gramática é uma das obras mais originais que se conhecem no género. Anchieta conseguiu fugir em muitos pontos do modelo latino e tratar do tupi como uma língua completamente diferente. Ela só foi publicada quase no fim de sua vida, em 1595, com o título de *Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do*

*Brasil.*

Ao mesmo tempo, escrevia o *Diálogo da Fé*, uma espécie de catecismo para os missionários instruírem os índios na doutrina cristã. Nele lemos orações e diversos textos retirados da Bíblia, tudo em tupi. Conceitos que não tinham correspondência em tupi eram apresentados com palavras portuguesas ou então eram criadas outras palavras que traduzissem conceitos cristãos.

Apesar dos inúmeros trabalhos e dos grandes sacrifícios dos primeiros tempos de São Paulo de Piratininga, a saúde de Anchieta só melhorava. Ele foi o jesuíta que mais tempo ficou na São Paulo dos primeiros anos de sua fundação. Ali permaneceu, sem interrupção, de 1554 até 1562, enfrentando uma vida muito difícil e estruturando a nova povoação, enquanto outros jesuítas deslocavam-se com frequência para outros lugares do Brasil. Contudo, alguns acontecimentos de grande importância o levariam, mais tarde, para outros lugares.

Corn efeito, em 1555 um grupo de franceses protestantes (calvinistas) estabeleceu uma colônia na Baía da Guanabara, tentando ficar permanentemente no Brasil. Foram desalojados pelo terceiro governador-geral do Brasil, Mem de Sá, em 1560. Ele elevou, então, o povoado de São Paulo de Piratininga à categoria de vila, buscando fortalecer a presença portuguesa nessa região do Brasil. A povoação que João Ramalho fundara deveria desaparecer e juntar-se à de Piratininga para aumentar sua população e sua capacidade de defesa.

O governador quis conhecer a vila de Piratininga. Para tanto, Anchieta e outros índios abriram um novo caminho na Serra do Mar, que veio depois a ser chamado de *Caminho do Padre José*. Foi em homenagem a esse caminho, que transpunha a difícil região da serra, que se deu o nome de *Via Anchieta* à moderna rodovia que liga São Paulo a Santos.

Em homenagem a Mem de Sá, que expulsara os franceses da Guanabara, Anchieta escreveu a sua epopeia latina (*De Gestis Mendi de Saa — Dos Grandes Feitos de Mem de Sá*), publicada anonimamente em Portugal em 1563.

Além das constantes ameaças dos franceses e dos índios, seus aliados, havia também as ameaças dos chefes e feiticeiros indígenas que combatiam a catequese. Em 1562 São Paulo sofre um ataque de índios tamoios, instigados por caraíbas (isto é, pajés mais importantes) que viam nos padres uma ameaça a sua estabilidade. O ataque aconteceu em 9 de julho de 1562. Milhares de índios, todos pintados, aparecem em torno da vila, fazendo um barulho infernal. Contudo, a vila foi defendida por Tibiriçá, com apoio das aldeias próximas e com reforços vindos do

litoral e, apesar das muitas mortes, não foi destruída e os atacantes se retiraram.

Na Baía da Guanabara as coisas também não iam bem. Os franceses, depois que Mem de Sá voltou para a Bahia, reassumiram suas posições e passaram, então, a instigar os índios tamoios contra os portugueses. Os tamoios criam uma liga destinada a varrer a presença portuguesa no sudeste do Brasil, a *Confederação dos Tamoios*. Era uma aliança dos índios que viviam desde Cabo Frio até Bertioga e que também incluía os índios do Vale do Paraíba. A colonização portuguesa na porção meridional do Brasil corria sérios riscos. Se os tamoios fossem bem sucedidos, os franceses tomariam conta de uma vasta área do Brasil, que passaria a ser colônia francesa. Para impedir uma guerra sangrenta e vendo razões justas para a revolta dos tamoios, Nóbrega e Anchieta partem para Iperoig, atual Ubatuba, a primeira aldeia daqueles índios, situada a cerca de 155 quilômetros ao norte de Santos. Lá, os dois tentam conseguir a paz, fazendo com que chefes tamoios negociem um acordo com os portugueses, em São Vicente. Enquanto isso, os dois ficariam como reféns dos índios, para garantir que os chefes tamoios seriam bem tratados pelos portugueses.

O acordo de paz demoraria meses para ser conseguido. Nóbrega volta para São Vicente, deixando Anchieta sozinho no meio dos índios inimigos, que a todo o momento falavam em matá-lo e em devorá-lo. Além disso, muitos o ridicularizavam por não aceitar as mulheres que eles lhe ofereciam, procedimento comum entre os primitivos habitantes da costa do Brasil. Os índios se dividiam, uns a favor, outros contra os missionários. Contudo, um dos caciques tamoios, o famoso Pindobuçu, que fora convertido ao Cristianismo, protegia Anchieta dos índios hostis.

Nesse tempo, Anchieta cuidava da evangelização dos índios e, para aproveitar seu tempo, compôs sem papel e sem tinta um poema em latim, o "*Da bem aventurada Virgem Maria, mãe de Deus*". Usando a areia da praia para compor e metrificar, escreveu quase 5.800 versos, suficientes para compor todo um livro, e decorou os versos um a um.

Depois de sete meses de permanência com os tamoios, a paz foi conseguida com algumas tribos e Anchieta foi embora para São Vicente. Após sair de Iperoig, ele escreveu o poema que compusera ali, que circulou em cópias manuscritas por muitas partes, até ser publicado muito mais tarde, bem depois de sua morte.

Mas os franceses continuavam na Baía da Guanabara e sua presença ali era um constante ameaça, por causa das alianças que faziam com os índios inimigos

dos portugueses. A paz que os portugueses haviam conseguido com os tamoios não foi durável e só se efetivou com algumas tribos mais próximas. A Confederação dos Tamoios voltou a se organizar e o perigo de uma guerra era grande. O governador-geral Mem de Sá manda, então, seu sobrinho Estácio de Sá para expulsar os franceses. Este chega a São Vicente em 1564, em busca de apoio e de reforços para realizar seu projeto. Nóbrega e Anchieta conseguem recrutar muita gente para reforçar sua armada. Em janeiro de 1565 eles partem para a Baía da Guanabara. Estácio de Sá funda, junto ao Pão de Açúcar, uma fortificação, que era o núcleo inicial da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e Anchieta ia junto para ajudar como enfermeiro. A guerra se estende na terra e no mar por todo o ano de 1565, com muitas mortes das duas partes.

Em abril de 1565, o irmão José de Anchieta parte para a Bahia para levar informações ao governador-geral Mem de Sá sobre a situação da guerra na Baía da Guanabara. Ali permaneceu por um ano e meio a estudar Teologia, com o objetivo de ser ordenado sacerdote. No ano seguinte, em agosto de 1566, o irmão Anchieta, com a idade de 32 anos, é ordenado padre pelo bispo D. Pedro Leitão, seu ex-companheiro de estudos de Coimbra.

De Portugal chegam reforços para a guerra contra os franceses, que continuavam na Baía da Guanabara. O próprio Mem de Sá resolve ir ajudar seu sobrinho, que lutava havia mais de um ano e meio sem conseguir vitórias decisivas. Vem na sua esquadra o padre Anchieta.

A 19 de janeiro de 1567, chega à Baía da Guanabara e, no dia seguinte, dia de S. Sebastião, desfecham, com o apoio do cacique Araribóia, um ataque decisivo contra o reduto dos franceses, o atual Morro da Glória. Estácio de Sá é flechado no rosto e morre um mês depois, tendo o padre Anchieta ao seu lado. Num segundo ataque, na Ilha do Governador, os soldados e índios de Mem de Sá obtêm completa vitória contra os franceses. Os tamoios fogem para o sertão e alguns se rendem.

Assim, é feita a segunda fundação da cidade do Rio de Janeiro. O núcleo primitivo, fundado em janeiro de 1565 por Estácio de Sá, é deslocado para um lugar mais seguro, o Morro do Castelo. Em torno dele iria crescer, agora sob o domínio português, a futura cidade do Rio de Janeiro. Anchieta participou, assim, da fundação das duas maiores cidades brasileiras.

A partir de então, os esforços dos jesuítas seriam dirigidos no sentido de reforçar a presença portuguesa na Baía da Guanabara para impedir novas invasões dos franceses. Começam a construir ali um colégio que deveria ser o mais importante da porção meridional do Brasil. Anchieta é nomeado superior de São Vicente e de São

Paulo de Piratininga, mas também auxilia o padre Nóbrega, já no fim da vida deste, no Rio de Janeiro. Anchieta passará a maior parte do tempo entre o Rio de Janeiro e a capitania de São Vicente, entretido com seus trabalhos apostólicos. Com a morte de Nóbrega, em 1570, ele chega a assumir a reitoria do colégio do Rio de Janeiro, mas permanece presente em São Vicente.

Em 1577 Anchieta foi nomeado provincial da Companhia de Jesus no Brasil, o mais alto cargo daquela ordem religiosa no país. Ele permanecerá dez anos à frente da Companhia no Brasil, até 1587. Nesses anos percorreu toda a costa leste brasileira, visitando as casas jesuíticas, resolvendo problemas, fundando e reorganizando aldeias.

Em 1578 ocorre a morte do rei D. Sebastião na luta contra os mouros, na África. Surgia, com o desaparecimento do rei, uma crise dinástica, que levaria Portugal a se unir à Espanha e a perder sua soberania por 60 anos. Anchieta viveu quase duas décadas desse período em que os reis da Espanha governaram Portugal e, assim sendo, também o Brasil. Há notícias de uma carta que ele enviou ao rei Filipe II da Espanha, no cargo de provincial da Companhia de Jesus.

Os dez anos em que Anchieta foi provincial dos jesuítas no Brasil foram de intensa atividade. Foi quando ele compôs alguns de seus poemas e de suas peças teatrais, entre as quais o famoso *Auto de São Lourenço* e o auto *Na Aldeia de Guaraparim*. Esta última foi escrita exclusivamente em Tupi. Essas peças visavam a evangelizar os índios e os colonos.

As peças eram representadas na frente e no interior das igrejas em certas ocasiões solenes. Havia a participação de muitos personagens, o recurso à dança e à música. Nelas percebe-se uma forte influência de Gil Vicente, o fundador do teatro popular português. Nos anos em que passou em Portugal, Anchieta certamente tomou contato com o teatro de Gil Vicente, que tinha grande acolhida tanto do povo quanto dos nobres.

Os anos mais férteis da produção dos autos e da poesia lírica em português e castelhano seriam os anos de 1588-1597, os últimos da vida de Anchieta. É desse período que datam os mais belos versos que ele compôs em português.

A poesia de Anchieta filia-se às escolas quinhentistas, principalmente à lírica dos cancioneros ibéricos. Na sua forma ela emprega o que era mais comum e mais do gosto popular na Península Ibérica. Anchieta escreveu poemas tanto em tupi quanto em português e em castelhano, sem considerarmos o *Poema da Virgem*, todo ele em latim. Os poemas eram geralmente musicados para serem cantados.

A poesia tupi de Anchieta vai atacar de frente elementos da cultura tradicional dos índios, como a antropofagia e a comunicação com os mortos, além das práticas de curandeirismo e de transe, que eram encaradas como demoníacas.

Com efeito, Anchieta, em seu auto *Na Aldeia de Guaraparim*, põe na boca do diabo Guaixará uma série de práticas que ele encarava como diabólicas.

Em 1588, já com cinquenta e quatro anos de idade, Anchieta, em razão de sua pouca saúde, deixou o cargo de provincial que exercia havia dez anos. Por quatro anos, até 1592, ele permanecerá no Espírito Santo, terra pela qual tinha grande apreço. Anchieta marcaria fortemente a história daquele estado brasileiro, como marcou também a de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. Ele foi o fundador de alguns municípios brasileiros.

Do final de 1592 até 1594, Anchieta, por incumbência do novo provincial, visita todas as casas jesuíticas do Espírito Santo, Rio de Janeiro, e São Vicente, resolvendo seus problemas.

Em 1596, já muito enfraquecido por sua doença, ele passa a residir em Reritiba, onde, pouco depois, faleceria, em 9 de junho de 1597. Seu corpo foi levado para Vitória por um cortejo de três mil índios, num percurso de 100 quilômetros. Na missa que foi celebrada por ocasião de sua morte, o celebrante, D. Bartolomeu Simões Pereira proclamou-o "*Apóstolo do Brasil*".